

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brachium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO : — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã*, pelo rev.^{mo} dr. José Rodrigues Cosgova. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Deus e Jesus, segundo a masonaria e segundo a Egreja*, trad. da *Civiltã Catholica*. — SECÇÃO CRITICA: *A Verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao snr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Petição acerca dos padrinhos: Indulto para um párocho exercer a medicina*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Jerusalem* (excerpto d'um poemeto inédito) poesia pelo ex.^{mo} snr. Antonio Moreira Bello; *A S. Estanislau Kostka*, por F.; *O Homem Velho*, trad. pela redacção. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, pela redacção. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Enchei as talhas d'agua...*; *S. Vicente Ferrer*, pela redacção. — SECÇÃO ADMINISTRATIVA.

Gravuras: *Enchei as talhas d'agua, disse Jesus...*; *S. Vicente Ferrer*.



ENCHEI AS TALHAS D'AGUA, DISSE JESUS...

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

II

ESTAMOS todos, n'este campo catholico, sempre em verdadeira campanha; porque os nossos inimigos nos não dão treguas, e nós não devemos, nem queremos ceder-lhes o campo.

Somos a inveja do poder dos infernos, e de todos os seus satelites, que são muitos, fortes e arteiros; não devemos dormir.

Temos um riquissimo patrimonio de variados interesses a defender e não devemos descural-o.

A base mais solida da nossa, nunca bem ponderada, riqueza, é a nossa fé.

Deverá pois ser do nosso maior cuidado a esmerada conservação da pureza da fé, herdada dos nossos paes e firmada no publico ensino, da unica, universal professora regia, a Egreja catholica, que com titulo divino, e contando, como conta, com a assistencia do divino Espirito, nem pôde enganar-se, nem nos quer enganar.

Ora a fé, ainda que de origem divina, porque ao sopro da divina graça nasce, e com o alento d'ella se sustenta, entrou na ordem da contingencia pelo seu subjecto, que é o homem mutavel, e carece dos mil cuidados d'este subjecto para crescer virente, florescer risonha e fructificar caridosa.

Deverá ser o primeiro tomar ar e receber luz lá do céu, que ponha em ebulição a sua vida toda sobrenatural, e a communique ás nossas potencias, para que estas produzam obras d'um merito que transcenda além do tempo e se esconda e guarde no mar estavel da eternidade.

Crer que a fé, inspiração celeste, pôde viver entre o pó da terra, ao ar livre da corrupção do seculo, sem preservativo algum que a resguarde, nem orvalho celestial que a fecunde, é nesceia presumpção, como o seria querer que as plantas do mais meridional da America se aclimatem nos nossos Pyreneus ao ar livre, sem estufa nem inverno, que as ponham ao abrigo do vento norte e do rigor das geadas.

A fé que nos é importada do céu, precisa, para se conservar viva, crescer, dar as lindas flores, que lhes são proprias, e os sazoados fructos, que d'ella podemos esperar, e que se lhe forme uma atmospherã quasi celestial.

Dir-me-eis: como? Eu vos digo o que na minha ignorancia a tal fim alcanço. A fé não vive sem o calor da caridade, porque é esta virtude propriamente a vida da fé.

A fé affecta ao entendimento, que pensa, que vê, que alcança e domina na região do abstracto; mas que não desce á practica sem que a vontade o incline, o mova e o resolva. E, para que a vontade o incline, o mova e resolva a um fim ou a uma operação sobrenatural, hade estar ella movida pela brisa celestial e divina, que se não sente no barulhento arraiãl, na phantastica representação theatral, nem nas conversas menos recatadas do hotequim, nem mesmo nos deleitantes recreios do club.

Ora pois, para haveremos a vontade assim temperada, precisamos todos, sem excepção, diariamente, algum tempo de repouso, em que a nossa vontade se resolva a tomar esse alto giro.

Precisamos repousar na oração, para que n'uma especie de convivencia com Deus se retemperem o nosso espirito, para que possa assim fazer cousas grandes d'um valor e merito que passe além do natural e vá esconder-se nos mysteriosos seios da eternidade.

Carecemos de lutar contra os naturaes attractivos, que nos prendem ao pó da terra, levantarmo-nos nas azas da fé até ao céu, e andar na presença do Deus que nos criou, nos sustenta e nos ha de julgar.

Carecemos d'ouvir frequentemente a palavra divina, e, mais que tudo, da frequencia dos Santos Sacramentos, para que com a graça divina possamos conservar illibado este dom divino da fé, que professamos.

E', pois, uma constante lida a vida christã, e a nossa vida, se queremos que corresponda ao nome de christãos com que nos honramos, ha-de ser uma perennal campanha.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECCÃO SCIENTIFICA

DEUS E JESUS

SEGUNDO A MAÇONARIA E SEGUNDO A EGREJA

II

DEUS

AUCTOR.—O tentador a que alludes era propriamente um asno; aquelle dicto que elle punha na bocca dos catholicos é uma bestialidade, que a cada momento admittem realmente os sabios mações, quando accitam de qualquer imbecil ridiculos embustes. Adduziste-me duas proposições nas quaes consiste principalmente a nossa fé, como disse Santo Thomaz: *Fides nostra in duobus principaliter consistit, primo quidem in vera Dei cognitione, secundum illud* (Hebr.

II): *Accedentem ad Deum oportet credere, quia est. Secundo in Mysterio incarnationis Christi, secundum illud* (Joan. 14): *Creditis in Deum et in me credite*. Muito convem que sobre estes pontos incida a nossa conversação, por serem hoje os mais maltratados pelos judeus mações. Agora quer-se fazer passar o mundo por Deus, e Jesus Christo por puro homem. Por consequencia demonstrar-te-hei que a Egreja nada nos propõe que seja absurdo, ainda mesmo quando nos propõe mysterios.

JOVEN.—Mas dizendo-se que Deus é uno, diz-se tambem que ha um só Deus; e dizendo-se que Deus é trino, não se diz que são tres deuses? Está aqui a difficuldade que tende a pôr em evidencia o absurdo do mysterio. Oh! entendamo-nos bem: não sou eu que fallo; fallam pelos meus labios os nesceios que, por assim dizer, vomitam sentenças.

AUCTOR.—Assim dizem despropósitos os que pretendem encontrar absurdos nos mysterios da fé. Querido João: Quem é Deus? Responde-me com a luz da tua razão e com o conhecimento vulgar que conseguiste estudando a philosophia elementar, que bem aprendeste.

JOVEN.—Sem ser professor, direi que Deus é aquelle ser que tem a essencia ou a natureza divina e que tem as propriedades convenientes a ella, segundo o senhor me disse ha pouco; como o homem é aquelle ente que tem a essencia e a natureza humana, achando-se dotado das propriedades que a esta competem. Disse bem?

AUCTOR.—Bellamente! Mas, segundo a fé, um só é o ser infinito, o qual é o creator, etc. Uma só é a essencia e a natureza divina, por cuja razão a fé nos ensina que Deus é um só. Agora pergunto-te: porque dizes que Antonio, Camillo e Eugenio são tres homens e não um só? Não teem egual natureza humana, pelo que se deveriam chamar um só homem?

JOVEN.—Não, de certo. E parece-me que a razão é esta. Se Antonio, Camillo e Eugenio não só tivessem a natureza humana especificamente egual, mas se a identica natureza d'um fosse tambem a identica natureza dos outros dois, deveriam realmente chamar-se um só homem; porém, visto como tal identidade não existe, só existindo a dita egualdade especifica, devem chamar-se tres homens e não um só. Não é assim?

AUCTOR.—Sem duvida! Quando dizemos que Deus é uno e trino, dizemos que a natureza divina é uma só, e que as tres pessoas, Padre, Filho e Espirito Santo, todas e cada uma teem identica divina natureza. Se nas tres divi-

nas pessoas houvesse tres naturezas só eguaes, dever-se-iam dizer tres deuses ou tres divindades; mas, porque a natureza n'elles não é igual especificamente, mas identica, deve dizer-se um só Deus.

JOVEN. — Esta explicação parece-me muito clara. Agora vejo a doidece dos outros. Conheço muitos que com ares magistraes dizem e repetem a famosa objecção: o Padre é Deus; o Filho é Deus; o Espirito Santo é Deus: logo a Igreja catholica ensina que ha tres deuses. Agora comprehendo! Se a natureza divina do Padre não fosse participada na sua *identidade* pelo Filho e pelo Espirito Santo, mas se a tivesse participado só *especificamente equal*, o argumento subsistiria. Mas, sendo participada na sua *identidade*, o argumento não se póde sustentar.

ACTOR. — Muito bem; sabes dizer-me porque affirmamos que os homens teem a natureza humana especificamente equal, e não identica entre si?

JOVEN. — No meu modo de vêr por que com aquelle conceito, pelo qual concebo a natureza humana, concebo a natureza que está em Antonio, em Camillo e em todos os homens. A natureza de todos corresponde a uma mesma ideia de natureza humana, cuja ideia é universal. Todavia é certo que tal correspondencia de todos os homens á mesma ideia da natureza humana não traz consigo a *identidade* real de suas naturezas, ainda quando tenha sua real semelhança: como muitas copias d'uma photographia não são identicas entre si, só porque correspondem egualmente ao original de que todas foram tiradas. Todavia, não comprehendo como as tres divinas pessoas podem ter, não só semelhança, mas identica natureza divina.

ACTOR. — Aqui está o mysterio, e não me admira que o não comprehendas. O mysterio, como tal, é incomprehensível, quer dizer, que se não pode comprehender com evidencia. Para te explicar claramente quanto affirmo, dir-te-hei que a proposição que annuncia o mysterio é tal que, comquanto os seus termos se comprehendam d'alguma maneira analogica, não se comprehendem de modo que se veja a sua identidade. D'esta proposição: «Na natureza divina identica subsistem as tres pessoas, Padre, Filho e Espirito Santo», comprehendes os termos? Por certo os comprehendes alguma coisa, pelo que não podes trocar aquella proposição com nenhuma outra. Todavia tu com a razão humana não vês a conexão que ha entre sujeito e predicado; a fé diz-te que existe, e tu a crês pela fé. Mas porque a razão humana não vê a dita conexão, não se segue que se possa objectar difficulda-

des; em tal hypothese, a mesma razão humana de que procedem aquellas difficuldades, pode resolvel-as e demonstrar a sua insubsistencia, porque são sophisticas. E' isto o que deve fazer a philosophia, a qual, sabendo que o verdadeiro pela fé não pode ser falso pela razão, deve demonstrar que não ha opposição entre aquella e esta, como outros incondicionalmente affirmam.

JOVEN. — Certamente os nossos cathedraes não pensam assim. Quando não comprehendem uma verdade de fé, não procuram resolver as difficuldades que contra ella se suscitam, mas chamam-lhe absolutamente absurda e põem-se a rir. Este riso parece-me o rincar do asno. Recordo-me logo d'aquelle homem que, retorcendo o bigode e dando-se ares de sabio, me dizia dogmatisando: se teu pae e tu são dois homens, como queres que não sejam dois deuses o Padre e o Filho de que te falla a fé? Tomava elle as pessoas da Santissima Trindade como se fossem pessoas humanas! Eu não sei propriamente como são; porém sei com certeza que não são da mesma maneira, por mais que sejam verdadeiras pessoas, isto é, subsistentes.

ACTOR. — Menos mal! Se nós poderemos vêr a Deus immediatamente, poderíamos ter de Deus um conhecimento claro e proprio; mas n'esta terra é-nos impossivel subir tauto. E' preciso que nos contentemos com ter dos seus effeitos e das suas languidas imagens o conhecimento das causas divinas. Porisso balbuciamos.

Olha, querido João, todo o mundo e todas as coisas que elle contém são criadas por Deus á sua imitação, pelo que Deus é ideia do mundo. Porisso todas as coisas são effeitos de Deus e semelhanças suas. Mas na terra o que se póde dizer d'algum modo *imagem* de Deus, é o homem. Affirma porisso Santo Thomaz (S. T. 93, art. 5, XX, art. 6): «Deve dizer-se que está no homem a *imagem* de Deus, relativamente á natureza divina e relativamente á Trindade das pessoas, porquanto em Deus existe uma só natureza em tres pessoas.» Divinamente depois o Angelico Doutor trata em muitos logares de suas obras d'esta *imagem*. A alma é imagem da natureza divina, porquanto n'ella está o principio do entender, que produz ou gera o verbo mental, e, produzindo o verbo, ama o conhecido no verbo. Assim, por exemplo, geras ou produzes um verbo mental no qual formas o conceito da virtude, e produzindo tal verbo, amas aquella virtude que concebeste ideal e objectivamente. Aqui está indicada a Trindade das divinas pessoas. N'esta Trindade o gerador é o Padre: o ge-

rado é o Filho, ou o Verbo divino; o amor é o Espirito Santo. Em nós formar um verbo mental é posterior á existencia da alma: o verbo formado não é a substancia da alma, mas accidente. Mais ainda; são muitos os verbos formados em nós successivamente, com os quaes dizemos mentalmente as varias coisas que conhecemos. Assim o amor com que as amamos é accidente da alma, realmente distincto d'ella, e successivamente multiplice. Em Deus ou na divina natureza não é assim. O formador fórma essencialmente, eternamente, necessariamente o verbo, o qual é uno, com o qual Deus conhece e internamente diz a si, e a todas as coisas.

Em Deus não se podem achar accidentes: o verbo não é accidente, mas substancia. Mesmo o amor, com o qual se ama a si e a todas as coisas, é um só; não é accidente, mas substancia. Não ha em Deus distincção real entre a natureza e a geração do verbo, entre a natureza e o verbo mesmo, entre a natureza e o amor. Ainda quando (porque o «principiado» tem real distincção do principio d'onde procede) haja real distincção entre o formador e o verbo formado, e o amor por ambos «espirado.» Por esta distincção real, o formador é uma pessoa distincta do verbo e do amor, estando assim constituida a Trindade divina. Se, com respeito a nós, é impossivel pensar que formar o verbo mental está fóra da alma ou está fóra da alma o verbo e o amor, pelo que entender e amar se chamam acções immanentes, que teem seu termo onde teem o principio d'onde derivam, é infinitamente mais impossivel, se se póde fallar assim, que em Deus, o formador, o verbo e o amor que se identificam com a divina natureza, fiquem d'esta divididos e separados. A divina natureza é infinita essencialmente em sua perfeição, pelo que perfectissimo será o formador, o verbo e o amor: a perfeição das tres pessoas não será multiplicada e dividida, porque é uma a natureza, pela qual cada uma das pessoas é infinitamente perfeita.

JOVEN. — Agrada-me! Agora parece-me que a razão humana não tem direito a exigir mais relativamente á solução da difficuldade.

ACTOR. — Não creias todavia que por isto possamos dizer que comprehendemos o mysterio. Santo Thomaz nos faz ascender da alma humana como de sua *imagem* ao conhecimento da Trindade.

Pois bem. Porque a nossa alma é contingente e limitada em sua perfeição, dista infinitamente de Deus, e póde represental-o muito menos que uma pintura sobre a tela póde representar o homem verdadeiro e o fogo

vivo. As imagens que não tem a natureza generica nem a especifica do representado, não podem dar d'este um proprio conhecimento, mas unicamente um conhecimento analogico. Podemos realmente com o discurso fazer calar a razão quando se revela contra a verdade; mas não podemos supprimir o mysterio, porque Deus é infinito, não podendo comprehendel-o senão uma intelligencia infinita. Isto basta para ver claramente que é proprio de nescios attribuir á Egreja uma doutrina que admitta a pluralidade de deuses, por ensinar a Trindade das divinas pessoas.

JOVEN. — Basta-me realmente, porque o seu discurso não se contenta com ir á superficie, mas ao fundo; não procura pôr antes de tudo a auctoridade dos mais ou menos doutos, mas philosopha ácerca dos principios da doutrina sobre que versa a questão.

Por favor elucideme n'outro ponto relativamente ao qual cathedraicos e discipulos me enfastiaram deveras, esforçando-se por me fazerem crer que é impossível que um Homem seja Deus, e que por consequencia se não pôde propria e verdadeiramente attribuir a divindade a Jesus Christo.

(Continúa)

SECÇÃO CRITICA

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

I

Recordações da Provença. — Devolução. — Um verso de Ponsard. — A historia d'um arcebispo que não acreditava em Bernadette. — O que são estas cartas.

Senhor.

Quando appareceu o *Sonho*, affligrou-se-me que o talento de v. ex.^a encontrára uma nova estrada e que n'ella se acharia mais a gosto.

Tomei a liberdade de lhe escrever, apesar de ser completamente desconhecido a v. ex.^a. Na Provença ha d'estes arrojios; e v. ex.^a que a conhece, por certo se não admira. Ao atravessar certo bairro da nossa querida cidade d'Aix, que v. ex.^a muito deve estimar porque tem o seu nome, nada mais proprio a animar arrojios d'esta genero, se o temperamento pro-

vençal pudesse experimentar alguma hesitação em semelhante caso.

Demais, v. ex.^a me provou que eu não tinha motivo para hesitar. O excellento acolhimento que me foi feito, até ás criticas presumptuosas que acompanhavam a minha carta, me animaram antecipadamente a continuar, o que agora me proponho, depois de ter lido a nova obra de v. ex.^a.

Se n'ella encontrasse inexactidões de minucias, como no *Sonho*, quando v. ex.^a tratasse materias e usos que lhe fossem pouco familiares, prometti-me apontal-as a v. ex.^a, ainda que mais não fosse senão para alliviar os seus heroes, — Padres ou Bispos — de faltas contra o direito liturgico, que, no seminario, lhes teriam merecido severa reprimenda. O seu Padre Massias, por exemplo, administra o Sacramento da Extrema-Unção com maneiras e formulas que o Padre, tentado a imital-o, difficilmente encontraria n'um Ritual. Item, o seu Padre Judaine, quando administra a communhão aos doentes no hospital. (1)

(1) Esta ignorancia das coisas, de que era facil informar-se com os ecclesiasticos, que tão obsequiosos foram com elle durante o tempo que o sr. Zola esteve em Lourdes, manifesta-se n'outros pontos.

Que pensar, por exemplo, d'esse mesmo Padre Judaine, que, em face d'um agonisante, fulminado subitamente na estação do caminho do ferro de Lourdes, em vez de o exhortar á contrição e de lho dar a absolvição *in extremis*, se afadiga para o forçar a beber agua da fonte miraculosa, e limita o seu ministério e as suas exhortações a esta singular maneira do preparar os moribundos para apparecerem deante de Deus!

II. ácerca da entrada de Bernadette no convento de Saint Gildard. Vinte dias depois da sua chegada, levaram-na, segundo o sr. Zola, a fazer votos (pag. 525). É verdade — acrescenta elle — que eram apenas votos parciais (?). Sem duvida o romancista, pouco familiarizado com a terminologia catholica, quiz falar de votos temporarios. Mas, se tivesse fulheado o mais insignificante volume do catechismo monastico, veria que o postulado em toda a parte é seguido de longo noviciado, d'um anno pelo menos, depois do qual os noviços reconhecidos dignos podem ser admittidos a pronunciar votos temporarios ou não. Mas apenas passados vinte dias!..

O sr. Zola parece ter-se preocupado pouco com os documentos n'esse mesmo livro que os seus panegyristas declararam bem documentado. O *Gaulois*, por exemplo, recommenda « aquelles que ainda crêem na impeccabilidade dos mestres do documento « dos pontificos das coisas vistas », a seguinte observação:

« Emilio Zola, no seu *Lourdes* (pag. 132 e 133), aterrorisa o publico narrando o desembarque de trens de peregrinos na estação de Lourdes. Os enfermos são tirados com muito encommodo dos compartimentos; procede-se a esta operação, quando de repente o chefe da estação, desvairado, apparece, gritando: « Está a chegar o expresso do Bayona, depressa! depressa! » Todos se apressam, o comboio dos peregrinos tem apenas tempo de se desviar, e o expresso de Bayona chega a

Mas — ah! — ao ler d'esta vez o livro de v. ex.^a, não tardei a reconhecer que, ainda que essas minucias fossem corrigidas, o livro não se tornaria melhor, e que as esperanças dos crentes acabavam de soffrer cruel decepção.

A obra de v. ex.^a — dizia-se e acreditava-se — reflectiria as commoções d'uma d'essas almas naturalmente christãs, de que já Tertuliano fallava no seu mundo ainda pagão, almas que ainda ha muitas n'este fim de seculo. V. ex.^a havia vivido a vida dos peregrinos em Lourdes, tinha apalpado e sentido latejar esse coração da França catholica que alli se revela aos mais indifferentes. Viu repetirem-se essas scenas do Evangelho, em que as multidões seguiam o Salvador, implorando os prodigios que elle espalha sob seus divinos passos. Com seus proprios olhos viu v. ex.^a o que os Actos dos Apostolos relatam em unanimidade de sentimentos da primitiva Egreja, quando se vivia com um só coração e uma só alma.

Dizia-se que, apoiado em tudo isto, v. ex.^a escreveria um livro sincero, commovente, no qual a sua habil penna faria, como outros ou melhor que outros, reviver o espectaculo que todos nós vimos, sentimos, antegostamos, e cuja lembrança é, só por si, uma consolação. Graças a v. ex.^a, ao seu nome, ao seu passado, os quadros de Lourdes passariam ante olhos pouco habituados a estes são e confortantes gosos! Ia v. ex.^a dar a alguns espiritos a consolação de vêr pelo pensamento e por si mesmos o que elles conheciam apenas atravez de preconceitos e de systemas parciais.

Era isto o que se dizia e o que alguns d'esses Provençaes, que v. ex.^a estima, esperavam com uma confiança meridional.

Ah! sr. Zola, que terrivel illusão!

Recordo-me — longe vae já a recordação! — que no collegio catholico, um sagaz letrado, nosso professor de litteratura, esse excellent e facundo padre Bayle, que v. ex.^a talvez ouvis, se na Faculdade de Theologia d'Aix-lendo-nos, para nos fazer notar as ingenuidades prudhommescas, certa comedia de Ponsard, que então estava em evidencia, assumia uma attitude imperiosa quando chegava a versos como este:

todo o vapor e passa com a velocidade do raio, » etc.

« Se o sr. Zola tivesse consultado o *Indicador dos caminhos de ferro*, linha do Moio dia, pag. 76, C., veria que todos os comboios, sem excepção, comprehendendo os expressos, param em Lourdes. E isto não ora diffil. O auctor, porém, attendeu apenas ao effeito.

Quanto mais d'alto so cae,
Mais profunda a queda é.

Não quero defender Ponsard das declamações do Padre Bayle. Mas, agora, perfillo este verso, e, para pintar a surpresa d'alguns dos seus leitores, forçoso me é confessar que v. ex.^a acaba de nos fazer «cair do alto.»

Permitta-me v. ex.^a que comece por uma historiazinha.

Vou hauril-a nas recordações deixadas por um arcebispo, fallecido em Aix, victima da sua heroica caridade na visita aos cholericos da sua diocese. Por certo v. ex.^a o conheceu e sabe quam longe elle levava a franquesa e o horror ás dissimulações diplomaticas na expressão do seu pensamento.

Mons. Forcade, que morreu arcebispo d'Aix, era bispo de Nevers quando a vidente de Lourdes, que v. ex.^a certamente nunca viu, se fez religiosa, na casa das Damas de Caridade e Instrucção Christã, adoptando o nome de Irmã Maria Bernarda.

Creio que terei bastas occasiões de referir-me, no decorrer d'estas cartas, ás narrações typicas, conservadas nas «Lembranças de Mons. Forcade», das quaes espero fazer largas transcripções — e confio que v. ex.^a se não queixará d'isso, porque são incisivas e muito interessantes — e em particular aos assaltos dirigidos ao bispo de Nevers, á Madre Imbert, superiora das Damas de Nevers, e á propria Bernadette para a tirarem da obscuridade em que ella se comprazia viver e em que supplicava a deixassem.

Ahi vai uma, tirada dos varios episodios a que deu occasião a visita de Mons. Dupanloup, do Bispo de Mèrode, do principe Chigi, etc. E' a narração da visita do arcebispo de Reims, Mons. Landriot.

«Tinha eu em grande estimação — conta Mons. Forcade — este excellente prelado, que me agradava sobretudo pela sua franquesa... Tivera elle a amavel attenção de se demorar na minha casa, indo passar algum tempo ao castello de Jeu, nos limites da diocese d'Antun e de Nevers. Durante o jantar, a conversação caiu, não sei bem como, sobre Lourdes e Bernadette. Depois de ter ouvido alguns momentos em silencio, Mons. Landriot disse-me bruscamente, com a sua habitual franquesa:

— Francamente lhe digo que não acredito na sua Bernadette!

— Como quiser, meu caro senhor; Bernadette não é certamente um artigo de fé. Permitta-me entretanto que pergunte a v. ex.^a rev.^{ma} se já a viu?

— Não, nem tenho desejo de a vêr. — Por que?

— Porque não creio n'ella.

— Mas quem sabe se, depois de v. ex.^a a ter visto, acreditará?

— Descance, não corro esse perigo.

Depois de jantar, logo que me encontrei a sós com o meu veneravel amigo, não lhe dissimulei que o achára demasiado duro a respeito de Bernadette, e pedi-lhe formalmente, como reparação, que fosse comigo vê-la na manhã seguinte.

— V. ex.^a é — lhe disse eu — um sabio e habil argumentador. Se conseguir apanhal-a em falsidade sobre as apparições de Lourdes, e d'esse modo demonstrar-me que ella se engana ou nos quer enganar, prestar-me-á um importante serviço. De modo algum quero servir-me d'ella para qualquer especulação, e declaro a v. ex.^a que, se se verificar o que v. ex.^a pensa, dou de mão immediatamente a Bernadette.

O meu caro collega respondeu-me com um sorriso forçado:

— Veremos isso; por agora não digo nada.

O que é certo é que a minha proposta não lhe agradou.

Todavia no dia seguinte mandei atrelar os cavallos á carruagem depois d'elle ter celebrado missa, e fui ao seu encontro. Acompanhou-me, não sei se de bom se de mau grado, e durante o curto trajecto que separa o bispado de Saint-Gillard, preparando sem duvida a sua these, parecia muito pensativo.

Trouveram enfim á nossa presença a Irmã Maria Bernarda, e, com uma especie d'impaciencia, elle a interrogou. Apertou-a com perguntas em todos os sentidos, como o faria um velho examinador de profissão dos mais intrataveis. A Irmã, sem se desnortear um só instante, a tudo respondeu, em termos laconicos mas claros, precisos e completamente satisfatorios. Mais depressa fatigado do que ella, abandonou o terreno, e retiramo-nos.

Apenas entramos na carruagem:

— Muito bem! — me disse — agora creio. E creio porque fui vencido, e não posso explicar como, sem uma assistencia sobrenatural, uma ingenua e ignorante pastorinha dos Pyreneus tão facil e completamente me desarmou.»

Deve confessar-se, — concluia Mons. Forcade — que este testemunho vale bem o do apostolo S. Thomé.»

Com os habitos de franquesa que talvez v. ex.^a lhe conhecesse, não seria para admirar que elle houvesse acrescentado mais alguma palavra, se chegasse a lêr o seu romance...

De passagem deixo escapar esta innocente ironia. Não quero fazer d'estas cartas um pamphleto, e, com o auxilio de Deus, espero não dizer nada d'offensivo para v. ex.^a nem para qualquer pessoa. O que desejo é travar uma

discussão, grave na essencia, com o observador e o historiographico, de preferencia e traval-a com o romancista. Esse feriu em muitas paginas as nossas crenças, as nossas praticas, as nossas susceptibilidades religiosas. Deixo a outros a tarefa d'erguerem a luva lançada pelo romancista, se o julgarem conveniente.

Quanto a mim, proponho-me unicamente corrigir, baseado em testemunhos precisos e sinceros, o que me pareceu mais inexacto na narração das origens da nossa grande peregrinação franceza a Lourdes e em particular na pintura da phisionomia de Bernadette.

(Continua.)

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Porque grande parte dos nossos assignantes são sacerdotes, lembrou-nos que lhes seria muito agradável terem conhecimento das mais importantes consultas que teem sido dirigidas ás Congregações Romanas e das respostas ás mesmas consultas dadas. Começamos, pois, a publical-as desde o anno de 1884 para cá, escolhendo as d'interesse geral e pondo de parte as que tenham apenas interesse local, sem applicação a casos geraes.

Actos da Santa Sé

Petição acerca dos padrinhos

O BISPO de Ancona (Italia) dirigiu a seguinte consulta sobre o estado da sua diocese: «Não são raros os casos que se apresentam de ser o mesmo o padrinho do Baptismo e da Confirmação. Asseguram os parochos que teem sido até agora inuteis os esforços que hão feito para pôr termo a este antigo costume, por cujo motivo foi tolerado pelos meus predecessores. Pergunto, pois, se merece approvação esta tolerancia.»

A Sagr. Cong., discutindo a questão, dignou-se resolvê-la em 16 de fevereiro de 1884 nos termos seguintes: *Pide tolerar-se; procure, porém, o Bispo acabar com o costume pouco a pouco.*

Deduções

1.º E' contrario ao costume romano que seja o mesmo o padrinho do Baptismo e o da Confirmação;

2.º Para cada criança deve haver um padrinho, segundo ensinam communmente os auctores, a não ser que o impeça a necessidade, ou certa im-

possibilidade d'observar o costume romano.

Indulto para um parcho exercer a medicina

J. M., parcho da freguezia de *Guallieri*, diocese de *Nullius*, exercia a medicina, levando direitos em sua freguezia e n'outras vizinhas. Admoestado pelo Administrador Apostolico da Abbadia, o snr. Arcebispo de *M.*, para que se dedicasse mais ao cuidado das almas que ao dos corpos, respondeu que exercia a medicina, já porque d'outro modo os fieis d'aquelles logares, em attenção á sua extrema pobreza, ficariam privados dos serviços de medicos leigos, já tambem porque, sem esse meio, elle viria a ficar reluzido á miseria, porque os rendimentos da freguezia não passavam de 45000 reis em cada quatro mezes, o que não era bastante para a sua decorosa sustentação. O Administrador Apostolico levou o conhecimento do assumpto á Sag. Cong. do Conc., certificando que o parcho *J. M.* cumpria com exactidão os deveres correspondentes ao cura d'almas.

Discussida a questão com a devida madureza, resolveu a Sag. Cong. no dia 8 de março de 1884:

Concede-se a graça d'uma benigna sanção quanto ao passado; e quanto ao futuro, fuculta-se ao Arcebispo Administrador Apostolico que, segundo o seu arbitrio e com seu consentimento, possa conceder o que se solicita por um triennio, approvando esta resolução o Summo Pontifice.

Deduções

1.º O indulto apostolico para exercer a medicina póde pedir-se quando concorram no peticionario causas sufficientes para obtel-o.

2.º E' causa legitima de dispensa que na cidade ou povoação em que o clerigo secular quer exercer esta profissão, não haja medico secular bastante instruido para exercel-a.

3.º Outra causa legitima de dispensa é a pobreza do clerigo e de sua familia, cuja pobreza só possa remedear-se por meio d'uma decorosa ganancia produzida pelo exercicio da medicina.

4.º No caso que se ventilava parece que concorriam as duas causas, porque os povos, por sua extrema pobreza, careciam de medico secular, e o parcho não podia viver decorosamente sem o modesto lucro que lhe provinha do exercicio da medicina.

SECÇÃO LITTERARIA

JERUSALEM

(EXCERPTO D'UM POEMETO INEDITO)

I

A mutua confliencia terminara
Do amigo par,
Que, apóz breve oração, se roclinara
A repousar.
No amor infausto
Cada um d'olles acaso inda pensou? . . .
No dia fausto
Da patria liberdade, oh! sim, sonhou!
Ralou da mais serena madrugada
Puro arrebol,
E iniciaram a mystica jornada
Ao nado sol.
Veros amigos,
Em mui gratos colloquios lhes correu,
Som que perigos
Turbassem o veloz caminhar seu.
Já cupulas christãs, turcos mirantes
Surgem alem,
Que os filhos de Ismael regem ovantes
Jerusalem!
Distinctamente
Já se divisa o anel dos muros seus,
E o domo ingente
Que defonde o sepulcro do Homem-Deus.
Não lhes consent: o coração detença;
N'aquelle pó
Que já pisara a Magestade immensa,
Do E'orno só,
Cahem prostrados,
N'um rapto de enthusiasmo e devoção;
E, arrebatados,
Dão desafogo á voz do coração:

II

CARLOS

Tros vezes salvo! monumento augusto
Do piolado e amor.
Portentosa Sião, salteia o justo
Aqui gozo e temor!
Que pisar ousa o solo sacrosanto
Da gran Jerusalem,
E em toda a parte encontra um vago encanto,
E uma lição tambom:
Momora o drama aterra lor, tremendo,
Da humana relemção,
E cá da terra vae sua alma erguendo
A' divina mansão.
Qual o profano que não despo a mente
Do ideias mundanaes,
N'este paiz ao penetrar, fulgente
De glorias divinaes?
Quem não conhece a miseranda inanía
Do louco mundo, alli;
De suas illusões a funda insanía
Não contempla d'aqui?
E quem não pensa aqui no céo, no inferno,
Na eternidade, em Deus?

Quem não exora, com fervor, do Eterno
Pardão aos erros seus?
Eu, Senhor, christão vate, e cronto filho
Da catholica fé,
Do tuas lois seguirei sempre o trilho
Com immutavel pé;
E se hoje, aqui, um sentimento prende
A' terra o seio meu,
E' só de amor da patria, que recende
Mil perfumes do céo!

FERNANDO

Mais uma vez, Jerusalem famosa,
Te contemplam meus olhos pecadoras,
Não saudam lo em ti a poderosa
Pristina capital, toda esplendores,
Mas a terra sagrada e piolosa,
De proligios theatro e infinitas dôres,
D'onde proveio á triste humanidade
Remedio, salvação e liberdade lo.

Ah! do meu Jesus tudo me clama;
Bradam sou nome até tuas ruinas;
Do altivo templo a destruição proclama
A execução das prodicções divinas;
Da Redempção o sanguinoso drama
Contam ruas e praças e collinas;
Falla o Olivete e o Coedrór sombrio,
Falla o Golgotha e o tumulo vasio!

O' Jesus, de bondade immenso oceano,
Insondavel abyssmo de sapiencia,
Throno de misericordia soberano,
Thesouro inesgotavel de clemencia,
Paz, reconciliação do ser humano,
Força do fraco, arrimo da indigencia,
Consolação do que na angustia lueta,
Do pobre peregrino o rogo escuta.

De espesso bosque á protectora sombra
Ignota gruta o seu portal abria;
Das franças do palmar que o solo ensombra
De brisas e aves o cantar descia;
Formoso arroio pela verde alfombra
Sonoro, manso, de crystal, corria;
E a garrula cigarra todo o estilo
Fazia côro ao doce murmurio.

Por annos lá vivi; feliz vivera,
As maravilhas do Creador louvando,
Se da alma intensa dor banir podera,
Da patria nas desditas meditando:
Teu favor, meu Jesus, confiado espera
Para ella o servo teu, que vés orando;
Da-lho, Senhor, contra a oppressão victoria;
Liberta, lhe devolve a antiga gloria!

E tu, Filha de reis immaculada,
Que és mais resplandecente do que a aurora,
Mais suave que a lua prateada,
Mais pura que a açucena encantadora,
Mais branca que a montanha alta e nevada,
Mais bella que o rosal quando se enflora,
Mais preciosa que fulgido diamante,
E mais que os ajos casta, boa e amante;

Oceano espirital, de cujo meio
Surgiu brilhante a Perola celeste;
Lampada perennal, em cujo seio
Vida ao sol de Justiça immenso déste;

Thuribulo aureo, o de perfumes cheio,
Que sempre aos ceos humilde e pura erguoste;
Virgem-Mão, a quem Deus tudo concede,
Por mim, por minha patria lhe intercedo!

A. MOREIRA BELLO.

A S. ESTANISLAU KOSTKA

(Ao acabar d'assistir á festa d'este sancto, em 13
de novembro passado, na capella interna do
Collegio do Barro)

Depois de tão sancta festa
A Estani-lau, meigo sancto,
Nunca amor lhe votel tanto
Nem senti tanta alegria.
Inda vejo ante meus olhos
Tantas luzes, galas sanctas,
E o côro de vozes tantas
Que feliz fez este dia.

Senti-me tão enlevado
N'esta festa arrobadora,
Que nunca tão tentadora
Jamais ou presenciei.
Se meus sentidos gosaram
Bellezas que raro vi,
Não menos goso senti
Co'as virtudes que admirei.

Muitos jovens virtuosos
Respirando santidade,
Vi, em grande quantidade,
Na capella reunidos.
Era tão nobre seu porto,
Seu olhar e devoção
Que encantava o coração
Ao vel os tão embebidos.

Estanislau muito exulta
Por certo com festas taes,
Por vêr que inda tem rivales
Na virtude e amor do Deus;
E não deixou d'entoar
Mil louvores a Jesus
Por vêr amantes da cruz
Inda tantos irmãos seus.

Como valimento tendos,
Oh! Estanislau, na gloria,
Fazei que a final victoria
Nos seja doada em sorto;
E que aquelles que estiveram
Em festa tão luzidta,
No ceu tenham moradia
No momento após a morte.

F.

O HOMEM VELHO

O grande seminario de S. Sulpicio, estabelecido em Paris junto á magnifica egreja do mesmo nome, gosa de grande celebridade no mundo catholico, e foi construido em tempos de Luiz XIII por um homem d'admiravel virtude e santidade, o Padre Olier.

Antes d'estabelecer-se em Paris, o Padre Olier e seus primeiros companheiros viviam em Vaugiard, na mesma casa, preparando-se pela pratica da penitencia, da oração, da pobreza e do cuidado dos pobres para serem o instrumento dos grandes designios que Deus tinha formado a respeito d'elles.

O Padre Olier reunia com frequencia os seus piedosos companheiros n'uma sala commun, e exhortava-os com infatigavel zelo a caminharem pela senda da perfeição e a chegarem a ser santos sacerdotes, e para isso a combaterem sem cessar, a mortificarem-se, a immolarem o que S. Paulo chama o *homem velho*, quer dizer as más inclinações da natureza corrompida pelo passado e inclinada ao mal.

Cuidava da casa um jardineiro já velho, chamado Thomaz, que vivia com sua mulher n'uma pequena cabana no jardim. O tio Thomaz já tinha observado estas reuniões secretas dos discipulos do Padre Olier; fallára d'ellas a sua mulher e os dois perguntavam-se o que os referidos senhores diziam n'estas reuniões.

O tio Thomaz, tão curioso como sua mulher, resolveu descobrir um dia aquelle mysterio, e á falta de melhor meio poz-se a escutar á porta.

Na tarde do mesmo dia em que Thomaz resolvera sair das suas duvidas, houve reunião. Thomaz estava alerta: foi pé ante pé, applicou o ouvido á fechadura da porta e pareceu-lhe ouvir fallar. Escutou e distinguu a voz do Padre Olier; e como o silencio dos outros era profundo, ouviu estas palavras: « Meus irmãos, que esperamos? Começemos a nossa obra hoje mesmo; vêde que ha bastante tempo a nossa cobardia nos faz retroceder. Immolemos o *homem velho* sem piedade, sem fazer caso dos seus murmurios nem dos seus gritos. Só d'este modo poderemos ter paz. E um inimigo sempre prompto a perder-nos, sempre junto de nós, e que nos matará se o não immolarmos com valor. De que serve a resolução se não se põe em pratica? Bastante temos titubeado já; chegou o momento. É preciso que o *homem velho* deixe de viver », etc.

Thomaz era o unico velho da casa; julgue-se pois da sua surpresa e terror quando ouviu o Padre Olier exhortar os seus companheiros a não esperarem mais para immolar o *homem velho*. Evidentemente tratava-se d'elle! E n'aquelle mesmo dia — que horror! — sem duvida para dar o logar de jardineiro a outro! Pallido como a cêra, correu á sua vivenda.

— Mulher! — gritou — mulher! estamos perdidos. Apressa-te, salvemo-nos. Querem matar-nos hoje mesmo! Acabo de os ouvir. Apenas temos o

tempo preciso para preparar os nossos tarcos. Oh! meu Deus! quem o acreditaria! Homens que tinham apparencia de santos e me mostravam amizade! Vá lá um homem fiar-se em apparencias!

Lamentando-se e contando a sua mulher, espantada, o que acabava d'ouvir, Thomaz mettu em duas ou tres canastras tudo o que tinha de mais precioso... Era, porém, tarde, pois em quanto estava fazendo estes preparativos apparece o Padre Olier.

— Thomaz — disse elle com doçura —, ha cinco minutos que te chamamos para a ceia... Não respondes? Mas... que fazes ali? que significa isto? aonde vaes?

O velho Thomaz julgou chegada a sua ultima hora: erigaram-se-lhes os cabellos e balbuciou algumas palavras... procurava com a vista alguma arma ou descobrir algum punhal na mão do Padre Olier; e por ultimo, não podendo mais conter-se, gritou:

— Malvado! conheço o vosso fim! Hypocrita, traidor, assassino! Ouvi tudo! Soccorro! aqui d'El-Rei! aqui d'El-Rei!

O Padre Olier ficou attonito.

— Que tens, Thomaz — lhe disse — estás louco?

— Não, não estou louco, — gritou o velho. Oxalá que estivesse! Aqui d'El-Rei! aqui d'El-Rei! Escusaes de fingir; já vos disse que ouvi tudo: estive á porta enquanto o snr. animava os seus companheiros a matar-me esta mesma tarde, a mim, que os estimava tanto! Por que querem matar-me? Não podiam despedir-me simplesmente, se queriam dar o logar a outro creado?

— Não sei, na verdade, que significa tudo isso, — disse o Padre Olier, cada vez mais surprehendido. Explicate, quem quer matar-te?

— O senhor.

— Eu?

— Sim: conheci bem a sua voz de Ferrabraz: tudo o que dizia ha pouco de immolar o *homem velho*, que era um inimigo da casa, e que não titubeassem em seguir os seus conselhos...

A estas palavras comprehendeu o Padre Olier o *qui pro quo*, e, rindo-se a bandeiras despregadas, saiu para contar o caso aos seus companheiros.

Foram todos á habitação do tio Thomaz e custou-lhes muito fazer-lhe comprehender que não se tratava d'elle.

Só se convenceu d'isto depois de ter fallado muitas vezes com o bom Padre Olier; então conheceu o seu erro e deixou de trazer armas occultas para se defender no caso de surpresa.

Isto prova que os velhos não devem ser muito curiosos e que nem sempre é verdadeiro o proloquio: — pensa mal e não errarás.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Recebemos, offerecido pela Bibliotheca Popular de Legislação, com séde em Lisboa (rua da Atalaya, 183) o Código Administrativo, approved por decreto de 2 de março de 1895, que revogou o anterior de 17 de julho da 1886. Tem as rectificações e erratas publicadas no *Diario do Governo* e indice.

Custa 240 réis. Agradecemos.

* * *

O *Manual de Piedade Christã* para uso dos fieis e das pessoas devotas, traduzido e compilado, em grande parte, das obras asceticas de S. Affonso de Ligorio, contendo uma grande copia de orações indulgenciadas, varios exercicios, canticos piedosos, etc, pelo Padre Miguel Ferreira de Almeida, doutor na Sagrada Theologia e Direito Canonico pela Universidade Pontificia, Conego da Cathedral de Vizeu e honorario da Basilica de Loreto, professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Vizeu, antigo Missionario Apostolico e director da *Revista Catholica*, de Vizeu — é um dos devocionarios mais completos que conhecemos. E nem isso deve admirar, porque o seu illustrado auctor, antigo missionario apostolico, sabe por experiencia quaes são as devoções, orações e canticos que mais fallam ao coração do nosso povo.

Primitivamente teve este livro por titulo — *Manual do Povo Christão* — mas o seu illustrado auctor, corrigindo-o e augmentando-o muito, poz-lhe o titulo de — *Manual de Piedade Christã* por ser mais apropriado e expressivo.

«Neste livro piedoso — diz o rev.^{mo} sr. dr. Ferreira de Almeida — acharão os christãos que deveras desejem salvar a sua alma, e as pessoas que aspiram á perfeição da vida christã, — riquissimo thesouro de meditações e santas instruções; conselhos e uma variadissima copia de orações e exercicios de piedade, que servirão para guial-os no caminho do Senhor, no santo amor e temor de Deus, principio da verdadeira sabedoria e dirigil-as na pratica d'uma solida e verdadeira piedade; a qual, segundo a phrase do Apostolo, «para tudo é bem util, pois não só contém o que é preciso para fazer-nos felizes na vida eterna, mas ainda na vida presente», sempre tão farta de trabalhos e contradicções e angustias, para suavisar as quaes só se encontra balsamo consolador e effiz nos doces e suavissimos sentimentos, que só a fé viva, nutrida pela pratica das boas obras e fecundada n'uma devoção solida, illustrada e bem dirigida, pôde inspirar á alma christã.»

O sr. Bispo de Vizeu diz que o *Manual de Piedade Christã* deve, «pela doutrina salutar que encerra, e pela grande copia de orações, exercicios e canticos piedosos de que vem acompanhado, concorrer poderosamente para avivar a fé e a piedade dos fieis.»

Agora só nos resta dizer que o livro, lindamente encadernado, custa 400 réis e se vende na Livraria Catholica Portuense.

* * *

O sr. João Ignacio Ferreira, de Ponta Delgada, brindou-nos com um apreciado livrinho, por s. ex.^a traduzido, intitulado — *Deveres dos eleitores por Mgr. Inoard, Bispo de Annecy*.

Lemol-o e achamol-o excellente. O nobre Prelado dá n'elle excellentes conselhos aos catholicos sobre o modo como se hão de haver nas eleições, aconselhando-os a que votem sempre em candidatos cujos sentimentos religiosos sejam conhecidos, e que nunca auxiliem com os seus suffragios os inimigos de Deus e da sua Egreja.

O livrinho contém 13 capitulos. Do seu valor se poderá fazer ideia pelos titulos, que são os seguintes: das duas classes de christãos; do voto; deveres do christão tomado individualmente e na familia; deveres do cidadão; contradicções praticas; periodo eleitoral; lucta eleitoral; que lista escolheremos?; de como alguns explicam e querem escusar certos votos; da capacidade dos candidatos; eleições municipaes: do retrahimento.

Agradecemos a offerta.

* * *

Recebemos: o fasciculo n.º 61 das *Leituras Catholicas* da typographia Salesiana de Nieeroy, intitulado: *Perguntas respeitadas dirigidas a um ministro da Egreja evangelica por um neophito da mesma Egreja*; o fasciculo n.º 62 com os seguintes contos Moraes: — *O penitente* — *Uma punição de Deus*, — *A Vingança*; e um folheto da mesma typographia intitulado: *Preciosas palavras de s. ex.^a rev.^{ma} o sr. D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro*.

São tres folhetos muito apreciaveis no seu genero, como, d'ordinario, o são todos os sahidos d'aquella importante casa catholica.

São dignos de ler-se.

Todo o lucro que se tirar d'estas obras é exclusivamente em beneficio dos pobres orphãos recolhidos no Collegio de Santa Rosa em Nieeroy.

* * *

Fomos brindados com as primeiras 28 cadernetas do *Anno Christão*, do

Padre João Croiset, que o sr. Antonio Dourado, benemerito editor catholico do Porto, está agora distribuindo de novo por assignatura.

No *Progresso Catholico* já se disse o que a obra valia. Nada temos a acrescentar ao que foi dito; apenas diremos que a opinião do nosso prezado e illustrado antecessor é por nós perfillhada em absoluto.

As reflexões, meditações e propósitos que n'esse aureo livro ha para todos os dias, são excellentes para bem se dirigir uma alma christã. Quem se empapar bem n'essa doutrina, tem um excellente bordão a que apegar-se para progredir na vida espiritual.

Acresce a isto que traz todas as vidas dos santos com grande desenvolvimento, bem como gravuras, representando-os. A de S. José, que demos no numero passado do *Progresso*, era reproduzida do *Anno Christão*, assim o é a de S. Vicente Ferrer, confessor, que hoje damos, e a d'outros santos, que iremos dando.

O sr. Antonio Dourado ainda recebe assignaturas para o *Anno Christão*. Depois d'encerrada a assignatura, o preço será elevado.

Agradecemos ao benemerito editor catholico a sua offerta.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Echei as talhas d'agua, disse Jesus...

(Vid. pag 25)

A nossa gravura allude ao milagre das bodas de Caná. N'aquelle banquete, a que assistiam Jesus e sua Mãe, faltou o vinho. A Santissima Virgem notou a falta e quiz evitar o pejo que este incidente poderia causar aos esposos e ao despenseiro. Movida por um impulso do seu generoso coração, e conhecendo que seu divino Filho tinha poder para remediar isso, dirigiu-se a Elle, exclamando:

— « Não têm vinho. »

Com estas palavras tão simples lhe pedia um milagre, e não duvidava que ellas bastariam para alcançar a concessão do que solicitava.

Jesus lhe disse então:

— « Mulher, que nos importa a Mim e a Ti? Ainda não é chegada a minha hora. »

Estas palavras não eram uma recusa, mas sim dar a entender que ainda não era tempo.

Maria Santissima assim o comprehendeu; e, cheia de confiança, disse aos que a serviam:

« — Fazei quanto Elle vos disser. »



S. VICENTE FERRER

E esperou a realisação do milagre. Na mesma sala em que se celebrava o banquete havia seis vasilhas de pedra chamadas talhas.

« Enchei as talhas d'agua, » — disse Jesus aos serventes.

Estes as encheram.

« Tira agora, e levae ao despenseiro, » — acrescentou.

Os serventes obedeceram, e com grande surpresa viram que a agua tinha perdido a sua transparencia natural e havia tomado a côr do vinho.

Levaram aquelle vinho ao despenseiro; e logo que o provou, achando-o mui delicioso, approximou-se do es-

poso, e, em tom d'affavel reconvenção, lhe disse:

« Todo o homem serve primeiro o bom vinho; e depois que beberam bem, então dá o que não é tão bom: mas tu guardaste o bom vinho até agora. »

O costume, admittido nos banquetes hebreus, tinha disposto que os melhores vinhos se servissem primeiro aos convidados; por isso a observação do despenseiro era opportuna.

Mas o esposo, que não tinha ouvido o pedido de Maria, nem os mandados de Jesus Christo, não comprehendeu as palavras que se lhe dirigiam. Sabia demasiado que todo o vinho com que

regalava os seus parentes e amigos era da mesma qualidade, e portanto não suspeitou o milagre.

« Não sei por que dizes isso, » — respondeu ao despenseiro. Todo o vinho que tinhamos para as festas era do mesmo, e creio que já não deve restar muito.

« Como é possível? » — exclamaram alguns apontando para as talhas, e aproximando-se para provar aquelle delicioso vinho de que estavam cheias.

O esposo, então, dirigiu a Jesus um olhar de admiração, porque comprehendeu que aquella maravilha só podia ser obra da vontade de Jesus.

S. Vicente Ferrer

(Vid. pag. 37)

A 5 d'abril commemora a Egreja este grande santo, tão celebre na Egreja universal, natural de Valencia (Hespanha).

O santo era d'ingonho vivo e memoria feliz. Aos 12 annos cursava a philosophia, e dois annos depois a theologia, na qual fez tão grandes progressos, que aos 17 annos sabia mais que seus mestres.

Se crescia em sabedoria, não crescia menos em santidade. O assumpto mais frequente da sua meditação era a Paixão de Nosso Senhor, e quasi desde o berço mostrou uma terna devoção á Santissima Virgem.

Aos 17 annos entrou para o instituto de S. Domingos. Ainda noviço, era já um religioso perfeitissimo. Propoz-se para modelo a vida do seu santo fundador, e d'elle se pôde dizer que a copia foi muito parecida com o original.

Aos 24 annos foi nomeado para ler philosophia aos frades do convento, o que fez com tanto credito, que se declararam por seus discipulos 70 estudantes seculares. Depois mandaram-no para Barcelona e em seguida para Lerida. Aqui recebeu o grau de doutor, tendo 28 annos d'idade. De volta a Valencia, o Bispo obrigou-o a explicar em publico a Sagrada Escripura e a ler materias theologicas. Por este tempo começou a prégar e com tanto fructo que operou muitas e importantes conversões.

Martinho V nomeou-o missionario apostolico para todo o universo. Começou as missões pela Hespanha em 1397, e obrou tantas maravilhas no clero e povo, que as assombrosas conversões que fez nos reinos e provincias de Catulunha, Valencia, Murcia, Granada, Andaluzia, Leão, Castella, Asturias e Aragão lhe mereceram o glorioso titulo d'apostolo das Hespanhas. Depois entrou em França e passou successivamente á Italia e á Alemanha, onde colheu bellos fructos da sua prégagão, tornando-se conhecido pelo nome de Apostolo de toda a Europa.

Por fim caiu doente em Vennes, e a 5 d'abril de 1414, quarta-feira da semana da Paixão, aquelle grande santo morreu, tendo quasi setenta annos d'idade e cincoenta e dois de profissão religiosa.

O duque da Bretanha, D. João, mandou-lhe fazer magnificas exequias. A duqueza lavou-lhe os pés por suas proprias mãos, e Deus fez muitos milagres pela agua com que lh'os lavaram. Contam-se até 870 os milagres

que fez em vida; e os que fez depois de morto são innumeraveis.

O Papa Calixto III canonizou-o em 1455; mas a bulla da sua canonização só se expediu dois annos depois.

O seu sagrado corpo conserva-se ainda em Vennes.

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu no dia 28 do mez passado, victimado por uma congestão fulminante, o ex.^{mo} snr. Francisco Alves Carneiro. Era cunhado da nossa digna assignante, a ex.^{ma} snr.^a D. Sophia do Espirito Santo de Moraes Gouveia.

O finado tinha 45 annos.

A familia dorida enviamos a sincera expressão do nosso pesame; e aos leitores pedimos por caridade as suas orações pelo eterno descanso do finado.

Falleceu no dia 18 do corrente, na sua casa de Amarante, o ex.^{mo} snr. Miguel José da Cruz, nosso presado assignante. Estamos em dizer que não havia obra de caridade que elle não subsidiasse. Dava a esmola como recommenda o Evangelho. A mão esquerda não via o que dava a direita. No ultimo numero do *Progresso Catholico* recommendamos á caridade as benemeritas Irmãsinhas dos Pobres, que acabam de se estabelecer no Porto, e as Escolas do Santo Antonio, que uma commissão portuense de cavalheiros e senhoras procura estabelecer para commemorar o setimo centenario de Santo Antonio. Pois apenas viu este appello, o caridoso fallecido enviou-nos 25000 réis para as Escolas e 25200 réis para as Irmãsinhas dos Pobres, recommendando-nos que não publicassemos o seu nome. Hoje, que a sua modestia não pôde susceptibilisar-se, damos o nome do bemfeitor, para que essas instituições, a quem já entregamos as esmolas, peçam por elle ao Deus das misericordias.

Por isto se pôde avaliar a grandeza d'alma do fallecido.

A sua esposa, á ex.^{ma} snr.^a D. Maria das Neves, bem como a toda a familia dorida, enviamos sinceros pezames. Aos leitores pedimos por caridade as suas orações por alma do fallecido.

Falleceu na Italia, na idade de 90

annos, o celebre historiador Cesar Cantu.

Assistiu-lhe nos derradeiros momentos o Em.^{mo} Cardeal Arcebispo de Nápoles, seu amigo.

Cesar Cantu, apesar de ter levado na sua juventude uma vida politica tempestuosa, filiando-se nos partidos avançados, foi sempre um crente.

Todas as suas obras o provam. A mais importante d'ellas, a *Historia Universal*, é obra d'um erudito e d'um crente, embora, por vezes, n'ella haja apreciações pouco correctas. Mas Cantu reconheceu estes erros, muito louavelmente os emendou na ultima edição italiana d'esta obra, tendo declarado categoricamente que era e queria morrer catholico e que reprovava tudo que não estivesse em harmonia com os ensinamentos da Egreja. E como bom christão morreu, munindo-se para a eterna viagem com os sacramentos. Cantu era um d'aquelles italianos, felizmente não raros, que consideram a invasão da Porta Pia como uma desgraça não só para a Italia, mas para a Christandade, porque esse latrocínio tirou á Egreja a sua liberdade e independencia.

A sua *Historia Universal* está traduzida em portuguez pelos snrs. Manoel Bernardes Branco e Antonio Ennes. Este ultimo, com um atrevimento inaudito, contra o qual Cantu protestou n'uma carta enviada ao nosso pranteado amigo, snr. Vasco de Macedo, que opportunamente se publicou, alterou a *Historia Universal* em muitos pontos e até lhe introduziu capitulos novos! E' o pato a querer medir-se com a aguia!

Em todas as suas obras, Cantu é prodigioso pela rectidão da sua selecção historica, pela sua grande perseverança em coordenar a massa immensa dos factos constitutivos da historia politica, civil, religiosa e artistica. N'ellas se reúnem chronologicamente todos os povos da terra, e existe uma animação estetica que permite considerar as personagens historicas como personagens contemporaneos.

Leão XIII apreciava muito Cesar Cantu, do que deu provas varias vezes. São d'este grande historiador as seguintes palavras: «A Religião não toca só a parte sentimental do homem, mas abraça este por inteiro, a sociedade, os costumes, a legislação, a vida domestica e a vida politica.»

A Italia perdeu em Cantu uma das suas mais lindas glorias, e a Egreja um dos seus filhos mais dedicados e prestimosos.

Oremos, pois, pelo eterno descanso d'esse grande homem, para que Deus lhe conceda o eterno descanso entre os resplendores da luz perpetua.

RETROSPECTO

No dia 19 de março a Officina de S. José, do Porto, esteve exposta ao publico e fez uma pomposa festa ao seu santo Padroeiro. De manhã houve missa resada pelo seu digno director, o rev.^{mo} Padre Sebastião Leite de Vasconcellos, e mais tarde, ás 9 e meia, celebrou missa na capella da casa Sua Eminencia o Snr. Cardeal Bispo do Porto, que administrou a communhão aos educandos d'aquella casa, a alguns que já sahiram d'alli para irem exercer fóra d'aquella casa o officio que aprenderam, e a varias senhoras.

Depois da missa. Sua Eminencia foi benzer a officina typographica.

A esta cerimonia assistiram bastantes pessoas, algumas das quaes da melhor sociedade portuense.

A casa estava toda engrinaldada. Nas diversas officinas expunham-se os trabalhos alli feitos. Estavam executados com perfeição e foram admirados pelos visitantes, que alli accorreram durante o dia aos milhares, sahindo todos muito satisfeitos pelos progressos, que notaram, e pela affabilidade com que foram tratados pelo rev.^{mo} director e por todo o pessoal da casa.

Deus continue a proteger aquella abençoada obra, que tantos beneficios está espalhando!

* *

As Irmãsinhas dos Pobres tambem festejaram o seu santo Padroeiro, S. José.

A capella estava adornada e houve missa e communhão á comunidade e aos pobresinhos.

Nos dias antecedentes tinha havido exercicios espirituaes dados pelos rev.^{os} Padres José Pinto de Moura e Joaquim Pereira da Rocha, capellão da casa. No dia da festa, de tarde, prégou o ex.^{mo} Monsenhor conego Silveira Borges.

O jantar dos pobresinhos foi de festa, offerecido por algumas pessoas da nossa melhor sociedade.

Durante o dia a concorrência áquelle estabelecimento de caridade foi extraordinaria.

Foi uma festa de saudosas recordações para aquelles que a ella assistiram.

* *

O benemerito superior da Missão de Belgão, pertencente á Companhia de Jesus, fez distribuir a seguinte carta:

«Ex.^{mo} Snr.—Por occasião do septimo centenario do grande Portuguez Sancto Antonio de Lisboa, os Missio-

narios do Real Padroado, encarregados da Missão de Belgão, na India Inglesa, resolveram levantar em honra d'este Sancto uma Capella com casa para um Missionario e eschola annexa para moralisação e instrucção dos christãos madraستهiros, que em grande numero habitam n'esta cidade e se distinguem pela sua devoção ao nosso glorioso Thaumaturgo. Esta obra foi approvada por S. Ex.^a o Snr. Patriarcha das Indias orientaes; e taes são as suas vantagens para o nome Catholico e Portuguez, que os sobre-ditos Missionarios esperam haverá V. Ex.^a por bem auxilia-los com alguma esmola pecuniaria.

Belgão, 9—2—95.

De V. Ex.^a

Att.^o e ven.

I. M. Gonçalves, S. J.
Superior da Missão.»

E' uma excellente commemoração do setimo centenario do Santo Thaumaturgo. Oxalá que os missionarios do Real Padroado consigam angariar o dinheiro necessario para a creação da capella, casa e escola que projectam!

* *

No convento dos Padres Franciscanos da Santa Cruz, que existe na cidade de Querétaro (republica Argentina), conserva-se e venera-se uma arvore prodigiosa: a arvore da Santa Cruz.

Plantou-a, segundo se crê, o rev. Padre Antonio Márgil de Jesus, natural de Valladolid e fundador de varios conventos de Franciscanos, e entre elles do de Querétaro. O zelo d'este religioso, que gosa no Mexico opinião de Santo, fez maravilhas n'aquella região da America, e proclamando a fama de suas virtudes e sendo perenne testemunho dos admiraveis dons que recebeu de Deus Nosso Senhor, permanece esta milagrosa arvore, unico exemplo que a Botanica conhece, pois sem causas humanas que o expliquem tantas quantas vezes se tem tentado reproduzil-a, se secca irremediavelmente.

Mede a arvore da Santa Cruz uns sete metros d'altura, é corpolenta e muito semelhante á que no Mexico se chama vulgarmente *mezquite*, e pertence á familia dos espinhos. Os seus ramos cobrem-se annualmente de fructo que tem a forma da benedicta e adoravel cruz. Estas cruces, que chegam a medir 25 centimetros, são esbranquiçadas e ostentam quasi todas pontos escuros bastante semelhantes aos tres clavos da Cruz do Salvador.

Um Prelado de Zacatecas, seu segundo Bispo, o snr. D. José Maria do

Refugio Guerra, mandou incrustar em oiro uma preciosa e perfeita cruz da indicada arvore, obsequio que lhe fez Frei Paulino da Luz Santos, e trouxe-a muito tempo como cruz peitoral.

Para commemorar este prodigio celebram-se em Querétaro solemnes festas religiosas nos dias 3 de maio e 14 de setembro, que são concorridissimas de fieis mexicanos.

Ha dias partiram para Roma dois religiosos mexicanos para offerecerem a Sua Santidade alguns ramos e cruces da arvore da Cruz.

No Mexico, onde ha muito tempo se deseja a beatificação do Padre Márgil, esperam que a offerta a Sua Santidade das maravilhosas cruces influa na terminação do processo.

* *

Mais uma, victima da sua caridosa dedicação pela humanidade. Foi ha pouco sepultada em Saulx-le-Duc a Irmã de Caridade Maria Emilia Moreau. Esta Irmã era enfermeira no hospital de Dijon (França). Para o seu hospital entravam alguns soldados com molestia contagiosa. A Irmã Moreau tratou-os com a caridade e dedicação que caracteriza todas as religiosas. D'ahi a pouco a perigosa enfermidade apoderou-se d'ella e matou-a.

Era nova, quasi uma creança, pois tinha apenas 24 annos.

O seu funeral foi muito concorrido. Tudo o que havia de mais distincto na cidade foi prestar esta derradeira homenagem áquella santa creatura, victima da sua dedicação e do dever.

Expulsas de quasi todos os hospitaes por leis impias e anti-sociaes, é assim que as Irmãs se vingam: n'aquelles em que ainda se conservam, dão provas d'uma dedicação heroica, sacrificando a vida para salvar a do proximo.

Anjos terrestres, tão odiados e calumniados pelos maus: nós vos saudamos e bendizemos, porque sois o alivio do enfermo, a consolação do moribundo e a mãe da humanidade pobre e enferma!

* *

N'um jornal estrangeiro lemos uma noticia que muito nos consolou: os ministros belgas e o presidente da camara popular, snr. Bernaert, bem como grande numero de deputados, vereadores e homens politicos, reuniram-se em Bruxellas em fraternal banquete para celebrar o anniversario natalicio de Sua Santidade Leão XIII.

Esse acto é digno de todo o louvor. Aos filhos cumpre dar mostras de satisfação e alegria no anniversario natalicio de seu Paç.

Pena é que os ministros, deputados

e pares d'outros paizes catholicos não imitassem os belgas.

Ha pouco realisou-se a eleição do patriarcha scismatico de Constantinopla, e este acto revelou mais uma vez a insustentavel situação da Igreja grega, que chegou á maior abjecção.

O povo de Phanar amotinou-se e percorreu as ruas protestando contra a eleição; a imprensa publicou furiosos artigos contra a intriga que se apoderou das dignidades ecclesiasticas e as turbas gritaram:—viva o Papa!

A união das duas Igrejas, tão instantaneamente recommendada por Leão XIII, vaé abrindo caminho. O que acaba de passar-se em Phanar é uma eloquente prova d'isso. Oxalá o venerando Pontífice consiga ver realiado um dos seus mais ardentes desejos e uma das obras a que mais se tem estendido a sua ardente solicitude!

A proposito da viagem á Terra Santa dos snrs. Duques de Madrid, um correspondente de Jerusalem manda as seguintes informações a um jornal catholico d'Hespanha:

«Chegaram a esta cidade os snrs. duques de Madrid.

A estação de Jaffa, d'onde partiram ás 2 horas da tarde, foram despedir-se d'elles aos Padres Franciscanos, que, por espaço de dois dias, os tinham alojado com toda a sollicitude.

Frei Lavinio tomou assento no carro salão que os conduzia, e começando em seguida a exercer as suas funções de guia, foi, durante as quatro horas do trajecto, explicando e descrevendo todos os logares que atravessa o caminho n'aquella vasta planicie, que é, desde Jaffa ás montanhas da Judeia, uma das provincias mais ricas em recordações biblicas.

Crúza-se primeiro o paiz dos philisteus, onde se vêem todos os sitios relacionados com a historia de Samsão,

a casa onde nasceu, seu tumulo, o povo de sua legitima esposa, o campo onde solton as 300 raposas com fachos atados á cauda, a casa de Dalila, o ponto em que esta o entregou aos philisteus, etc., etc.

Segue depois o valle de Rafaim, ou dos gigantes, testimunha da lucta de David com os philisteus, e antes de chegar ás colinas da Judeia passa-se por Ramleh, a antiga Arimathea, onde existem os solares das casas que occuparam José e Nicodemus.

Por ultimo, o comboio contorna o monte do Mar Conselho, onde os judeus, empregados na casa de campo de Caiphás, decidiram a perda do Salvador, e pára nos arrabaldes de Jerusalem, fôra das muralhas.

O fim dos snrs. Duques de Madrid era, primeiro que tudo, visitar o Santo Sepulcro, e, portanto, alli se dirigiram da estação, na qual foram recebidos affectuosamente pelos Padres Franciscanos d'aqui, que tanto se disvelam por todos os peregrinos.

A igreja do Santo Sepulcro fecha-se geralmente ao pôr do sol, e já era de noite; porém havia-se telegraphado mostrando o desejo dos augustos viajantes e o clero aguardava á porta para os receber.

Prostraram-se primeiramente deante da pedra da uncção, sobre a qual foi unguido o corpo do Redemptor antes de ser dado á sepultura e que está collocada á porta da igreja, e depois de a beijarem e de resarem alguns momentos, foram introduzidos pelo Superior dos Franciscanos na mesma cavidade do Santo Sepulcro.

Largo tempo permaneceram alli, sós, de joelhos sobre a rocha sagrada, possuidos de profunda commoção, compartilhada pelos que, na immediata capella do Anjo, os contemplavam ajoelhados e oravam com elles.

Terminada a oração, os Padres Franciscanos julgaram conveniente adiar para a manhã seguinte, a hora mais opportuna (pois precisamente se ouviam

os canticos dos scismaticos que celebravam os seus officios) a visita minuciosa a todo o templo, e os augustos proscriptos prometteram ir a hora matutina ouvir uma missa no Calvario.

Todavia, ao passar pela sacristia o Superior, que é francez, (no Santo Sepulcro o Superior tem que ser francez desde janeiro a abril, hespanhol desde maio a agosto, e italiano desde setembro a dezembro) não quiz que partissem sem lhes mostrar as veneraveis recordações historicas que alli se conservam, a espada e as esporas de Godofredo de Bouillon...

Com a dita espada são hoje armados cavalleiros os que recebem do Patriarcha de Jerusalem a grã-cruz do Santo Sepulcro, e tanto a espada como as esporas devem ser authenticas, pois existem, sem interrupção, em poder dos Franciscanos desde a fundação da Ordem, ou seja desde o seculo XIII.

Da igreja dirigiram-se os Duques de Madrid, a pé, ao Hospicio dos Franciscanos, conhecido em Jerusalem com o nome de Casa Nova, onde se alojaram.

Alli os esperavam, para lhes darem as boas-vindas, os Padres do Discretorio, ou sejam as auctoridades supremas da Ordem na Palestina. Os estatutos exigem que o Guardião seja sempre italiano, o Procurador sempre hespanhol e o Vigario sempre francez.»

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Aos nossos presados assignantes que se acham em divida das suas assignaturas, pedimos a caridade de as mandarem satisfazer com a possivel brevidade. O *Progresso Catholico*, como sabem, sustenta-se exclusivamente das suas assignaturas, e se estas não forem pagas pontualmente, a administração ver-se-ha a braços com grandes difficuldades para occorrer ás despesas, que são certas e relativamente avultadas.

Temos dois meios de fazer a cobrança: pelo correio ou por um cobrador que vá á porta dos assignantes; mas qualquer d'estes meios é assás dispendioso, e boa esmola seria pouparem-nos a despesas e trabalhos. Pedimos, pois, encarecidamente a todos que nos mandam satisfazer a importancia das suas assignaturas, afim de nos evitarem despesas com que mal podemos.

Nosso Senhor os recompensará de seu zelo e caridade, porque d'este modo contribuirão para auxiliar uma empreza catholica.

A importancia das assignaturas devem ser enviadas em vales do correio ou carta registrada ao abaixo assignado—Rua do Almada, 368—Porto.

O ADMINISTRADOR,
Vicente Fructuoso da Fonseca.

A peregrinação ao Sameiro em Braga

Como esta poesia, publicada n'esta «Revista» em dezembro p. p., n.º 24, saisse com alguns erros, apresentamos aqui as respectivas emendas.

ERROS

N.º I, quadra 2.ª:
•A mão potente te offreco
A'vante, que os brios te dá.....
N.º II, quadra 2:
e prata o seu luar.....
N.º III, oitava 1:
arde ainda sacra chamma.....
N.º III, oitava 2:
Em suas armas o broquel
N.º IV, quadra 1:
Brilha mais vivo o seu olhar, descobre...
Luz d'esperança
Na última quadra:
E erguendo a Christo um hymno encomiasta

EMENDAS

•Ella a mão te offreco, ávante!
Que olla os brios te dará.
é prata o seu luar.
arde ainda a sacra chamma;
Em suas armas o broquel!
Brilha mais vivo sou olhar, descobre
Luz d'esperança
E erguendo a Christo um hymno ardente, encomiasta.